



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12260 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT06 - Educação Popular

“PREFERI SER PUTA DO QUE PRESA”: a jornada formativa de uma mulher rezadeira
Luan Presley Mendonça Santiago - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Rossana Brito Pinheiro - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

“PREFERI SER PUTA DO QUE PRESA”:

a jornada formativa de uma mulher rezadeira

1 INTRODUÇÃO

Em Pendências, cidade do interior do estado do Rio Grande do Norte, é comum encontrar rezadeiras, mulheres consideradas sagradas porque curam doenças que “médico nenhum pode curar”, como, por exemplo, mau-olhado, vento caído e espinhela caída, utilizando a força de suas preces e orações.

Dentre as várias rezadeiras de Pendências/RN, há uma em especial, a quem nomeamos nesta pesquisa de Flor do Vale. De acordo com os habitantes locais, ela é considerada umas das rezadeiras mais poderosas. A escolha desse nome deu-se pelo fato de Pendências ser conhecida, entre os outros municípios que compõem a microrregião do Vale do Açu, como a flor do vale, haja vista que é a única cidade da microrregião com nome feminino.

A rezadeira Flor do Vale não é famosa apenas por seus poderes de cura, mas também por ser uma das prostitutas mais antigas de Pendências. Enfatizamos que no auge dos seus 87 anos, essa rezadeira não exerce mais a profissão de prostituta. Contudo, ao se apresentar para alguém que deseja conhecer sua história, ela primeiramente intitula-se como “puta” e, só depois, como rezadeira. Autointitular-se como puta é determinante para que Flor do Vale seja vista *com outros olhos* pelas pessoas que necessitam de suas rezas. Mesmo sendo reconhecida por seus *poderes sagrados de cura*, ainda hoje ela é marginalizada sob o jugo da

desmoralização proporcionada por uma sociedade patriarcal, marcada pela misoginia e pelo machismo, que enxerga a mulher prostituta como profana.

Subversiva a essa moralidade masculina reguladora, nossa interlocutora, uma mulher, prostituta, órfã e pobre, que é afetada por sua condição marginal, encontrou na arte de rezar a possibilidade de curar corpos e almas. Flor do Vale apresenta, portanto, uma perspectiva do profano como uma outra face do sagrado, formulando a máxima do “preciso viver a profanidade da carne para encontrar o sagrado da alma”.

Nesse contexto, o principal objetivo desta pesquisa é reconstruir a jornada de vida de Flor do Vale, no intuito de evidenciar seu processo formativo na condição de rezadeira. Para nos auxiliar no movimento de construção da consciência sobre tal processo formativo, em outubro de 2021 realizamos com a rezadeira a entrevista livre conversacional (BARBOSA JÚNIOR, 2002). A entrevista teve como ponto de partida o seguinte pedido: “me conte um pouco da sua vida”. Com esse mote, pudemos obter informações sobre o lugar de nascimento, os caminhos percorridos até a chegada ao município de Pendências, as circunstâncias da iniciação na reza e como Flor do Vale aprendeu a rezar.

Para a fundamentação teórica, fizemos uso das contribuições da historiadora Mary Del Priore (2018; 2020), sobretudo da sua produção sobre a história das mulheres no Brasil; da concepção do ato de educar de Freire (2011; 1985); e dos processos de aprendizagem da reza sob a ótica de Santos (2018). Acreditamos que esses referenciais, ao suscitarem discussões do campo da história, da educação e da antropologia, apresentam-se como os mais coerentes para problematizarmos a formação da rezadeira.

2 DESENVOLVIMENTO

Para Flor do Vale, rememorar suas experiências no e com o mundo é sempre um momento de felicidade e orgulho, motivo pelo qual viu a oportunidade, mediante esta pesquisa, de contar para mais pessoas sua história.

Eu sou filha de Isabel Caetano de Andrade, nasci e morei 9 anos em Areia Branca. Minha mãe morreu muito nova. Meu pai me deu a uma professora quando eu tinha dez anos. Ela me açoitava muito, porque eu só queria viver na rua. Ela queria me domar, mas ninguém nunca conseguiu me domar. Preferi ser puta do que presa. Comecei a me prostituir muito nova, com 12 anos. Com 13 anos, já estava experiente nesse tipo de vida, mas gozei muito a minha vida! (FLOR DO VALE, 2021).

Areia Branca/RN é uma cidade da região de Costa Branca, fica a aproximadamente 89,9 km de Pendências, possui lindas praias e constituiu-se como o primeiro lugar educativo de Flor do Vale, tornando-a uma mulher indomável e, segundo suas palavras, puta. Identificar-se como uma mulher puta é motivo de orgulho, pois para ela esse ofício foi uma

escolha, e, por isso, o primeiro e o mais importante ato de liberdade que exerceu na vida:

Eram duas opções que eu tinha, meu filho: de um lado a professora ofertava casa, comida e roupa, mas era muito braba e queria me prender dentro de casa; do outro, a vida de puta, que todo mundo sabe que é difícil. Mesmo novinha eu sabia que era difícil ser puta. A gente não pode escolher homem, né mesmo? Aí aparecia todo tipo que você nem pode imaginar, principalmente para mim que era novinha, e homem tem tara por menina novinha. Porém, eu podia ir pra onde eu quisesse, na hora que eu quisesse. Então o que eu escolhi? Ser puta para ser livre. (FLOR DO VALE, 2021).

Seguindo uma análise freiriana (2011) sobre o sentido de liberdade atribuído por Flor do Vale na reconstrução da origem de sua jornada de vida, arriscamo-nos na formulação de duas perspectivas: a) ela apresenta certo nível de consciência crítica da situação real que vivia como prostituta, pontuando a necessidade de submeter-se a determinados perfis de homens inimagináveis, muitas vezes a contragosto; e b) o não acomodamento e o não ajustamento ao modo como a professora ministrava sua educação familiar. Mesmo sua mãe adotiva oferecendo as condições básicas de sobrevivência, ela preferiu a prostituição para poder movimentar seu corpo aonde quisesse e quando quisesse. A liberdade (FREIRE, 2011) foi, portanto, uma conquista para Flor do Vale, e não uma doação da vida. Exigiu dela permanente busca e coragem na sua condição provisória de prostituta.

Vim para Pendências já faz muitos anos, aí eu conheço muita gente aqui! Eu vim mais meu marido. Eu vivia na vida, na prostituição, aí peguei a gostar dele e ele me trouxe para aqui. Com uns 18 anos conheci meu marido, Geraldo, então vim aqui para Pendências. Nessa época, aqui em Pendências, eu dançava muito, botei muito chifre no meu marido, porque eu era uma mulher dona de mim e não tinha deixado ainda a prostituição, trabalhei num cabaré aqui mesmo em Pendências. Só gostava de 'véi', porque tinha o que dar. Rapaz solteiro eu não queria porque não tinha o que dar! Mas depois me quietei, e ele me colocou dentro de uma casa. (FLOR DO VALE, 2021).

A prostituição mais uma vez se configura como uma atividade necessária para que Flor do Vale continuasse sendo uma mulher dona de si, apesar de estabelecer um relacionamento mais estável com seu marido. A sua preocupação sempre consistiu na possibilidade de ser aprisionada e podada de gozar a vida em função do casamento. Na entrevista, ela sempre foi muito precisa quanto à forma como encarava seus relacionamentos profissionais: “Os homens achavam que estavam me usando, mas era eu que usava eles. Usava o dinheiro deles para viver a vida.” (FLOR DO VALE, 2021), o que justifica a sua preferência por homens mais velhos, ao invés de rapazes solteiros. Desse modo, o

envolvimento com a clientela tinha como objetivo principal manter-se livre.

Sua iniciação como rezadeira também está intimamente ligada às suas atividades de prostituta, segundo ela nos conta:

Lá em Areia Branca/RN, perto do primeiro cabaré que trabalhei, tinha muito terreiro de candomblé. Participei muitas vezes e lá via o povo curando. Mas ninguém nunca me ensinou a rezar, tipo: ‘Venha cá, que vou dizer a você como rezar’. Não foi assim. Eu só prestava atenção no que eles faziam: as orações que pronunciavam, as danças, os santos que invocavam para cura, essas coisas. Tudo na minha vida tive que aprender sozinha, pois minha mãe morreu muito cedo. Aprendi a curar no cabaré mesmo, curando as putas que nem eu. Quando uma delas adoecia, eu ia lá e curava. Para ir ao médico era mais difícil, nenhum médico queria atender puta não, e quando atendiam, parecia que não sabia muito bem o que estava fazendo. Muitas putas iam procurar os médicos por complicações na hora de abortar. Ficavam doentes demais, algumas até morriam. Mesmo sendo puta, fui agraciada por Deus com esse dom. (FLOR DO VALE, 2021).

O interesse no cuidado com o corpo das mulheres prostitutas foi a principal motivação de Flor do Vale para buscar no terreiro de candomblé alternativas de cura. A rezadeira também coloca em questão a falta de interesse e, até mesmo, o desconhecimento dos médicos sobre o corpo feminino, ao afirmar que “[...] nenhum médico queria atender puta [...], e quando atendiam, parecia que não sabia muito”. A rejeição do conhecimento médico por corpos femininos “impuros e indignos” (DEL PRIORE, 2018; 2020) é um problema que atormenta as mulheres por séculos.

O relato anterior também consolida a ideia de que os saberes da reza são aprendidos. Apesar de afirmar que ninguém havia lhe ensinado a rezar, é perceptível que ela se tornou rezadeira mediante um processo de aprendizagem com outras pessoas mais experientes que frequentavam o terreiro de candomblé. Sobre essa aprendizagem, Santos (2018) tece as seguintes considerações:

A aprendizagem ou iniciação na formação destas é o processo pelo qual são obtidos os ensinamentos sobre as técnicas da benzeção e das rezas. A forma como estes ensinamentos são repassados podem variar de acordo com cada caso. Algumas aprendem o ofício com as rezadeiras existentes no seio familiar, como avós, tias ou com as próprias mães, e vizinhas; outras através de seres sobrenaturais, em forma de sonhos, vozes e visões. As que tiveram esta última experiência são consideradas escolhidas por Deus para rezar as pessoas, já que não aprenderam o ofício com nenhuma outra rezadeira. (SANTOS, 2018, p. 47).

Santos (2018) ainda postula que a aprendizagem da rezadeira ocorre a partir de quatro operadores de cognição: observação, imitação, oralidade e memória. A iniciante observa a prática das rezadeiras que pertencem ao seu grupo social (mães, sogras, vizinhas, irmãs), prestando bastante atenção na maneira como elas recebem seus pacientes, invocam os encantamentos, gesticulam com o corpo, escolhem os ramos utilizados, ao mesmo tempo que imitam todo o movimento observado, seja de forma independente ou orientado por sua mestra.

A oralidade e a memória aparecem como operadores de cognição responsáveis pela transmissão e acomodação das rezas no corpo dessas mulheres, visto que a maioria das iniciantes não utilizaram a tecnologia da escrita para guardar tais encantamentos.

No caso da rezadeira Flor do Vale, considerando essa perspectiva de aprendizagem, ela primeiramente interessou-se pelo saber da reza ante as necessidades de sobrevivência e, depois, “[...] prestava atenção no que eles faziam: as orações que pronunciavam, as danças, os santos que invocavam para cura, essas coisas [...]”, validando a formulação de Santos (2018) sobre “aprendizagem da rezadeira”.

Para Flor do Vale, aprender a rezar constituiu-se como uma atitude de amor pelas suas colegas de profissão, pois, nesse contexto, o amor é uma tarefa dos sujeitos, e por isso espera retribuições. O amor é uma intercomunicação íntima de consciências que se respeitam (FREIRE, 1985). Desse modo, a rezadeira iniciou sua formação de rezadeira a partir da produção de sentido e do sentir amor como uma potencialidade e capacidade de cuidar existencialmente do seu grupo social. Esse amor, propositalmente partilhado, oferece o mínimo de dignidade coletiva e traz esperanças para um viver com justiça social que historicamente foi negado às mulheres prostitutas.

O amor é um princípio que percorre o processo de aprendizagem da rezadeira, materializando-se no cuidado que ela exerceu ao lidar com o corpo doente de suas amigas. Contudo, nesse contexto ético-cultural, amar é uma tarefa difícil, pois desafia a solidariedade de classe e concebe a humildade como possibilidade de conexão com o outro, respeitando e acolhendo as diferenças humanas.

Na perspectiva freiriana, o amor da rezadeira é um ato político – de coragem – porque está comprometido com causas coletivas de saúde no lugar em que ela viveu, e este compromisso, porque é amoroso, é político. Afinal, é na reza que homens e mulheres tomam consciência de si em sua relação com os outros, com a natureza e com a cultura do seu lugar.

3 CONCLUSÃO

Podemos concluir que a rezadeira Flor do Vale aprendeu com seu corpo, na e com a jornada. Antes de tudo, foi tecelã da vida, criou e recriou seu percurso formativo a partir das necessidades reais e concretas na qual estava inserida. Portanto, aprender a rezar é uma tomada de amor e de consciência política. A rezadeira tomou consciência da situação de

negligência dos médicos em atender mulheres prostitutas. O discutido inédito-viável (as curas) materializa-se na rezadeira, ou seja, esta aprendeu mediatizada por uma situação-limite, nesse caso, a doença.

A rezadeira foi, e ainda é, investigadora de sua realidade cotidiana, nos âmbitos culturais, sociais e econômicos. Mas ela não apenas investiga com o olhar rigoroso da observação científica hegemônica; antes, ela age implicadamente com o que vê, sente, ouve e cria. Ao fazer isso, evoca memórias dos seus antepassados, crenças, gestos, elementos da natureza, por meio daquilo que a ciência “aceita” não articula: a espiritualidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro. **O *ethos* humano e a práxis escolar**: dimensões esquecidas em um Projeto Político Pedagógico. 203f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de texto). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das benzedadeiras**: um estudo sobre práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta – RN. Ed. rev. ampl. Porto Alegre: Circkula, 2018.